



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

## **OS SENTIDOS SUBJETIVOS QUE ATLETAS DE ALTO- RENDIMENTO GERAM PARA A DOR**

ANDERSON PACHECO DA SILVA

BRASÍLIA,  
NOVEMBRO / 2009.

ANDERSON PACHECO DA SILVA

**OS SENTIDOS SUBJETIVOS QUE ATLETAS DE ALTO-  
RENDIMENTO GERAM PARA A DOR**

Monografia apresentada como  
requisito para conclusão do curso de  
Psicologia do UniCEUB – Centro  
Universitário de Brasília. Professor (a)  
orientador (a):  
Prof<sup>ª</sup>. Dr. Fernando González Rey.

Brasília, novembro / 2009.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

## **O SENTIDO SUBJETIVO QUE ATLETAS DE ALTO- RENDIMENTO DÃO PARA A DOR**

ANDERSON PACHECO DA SILVA

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Valéria Deusdará Mori

\_\_\_\_\_  
José Bizerril

Conceito Final: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a todos da minha família que foram fundamentais na formação do meu caráter e com muito esforço tornaram possível a minha chegada até aqui.

A minha mãe (Dona Ivone), que tantas lições me ensinou e continua a ensinar, que mesmo com tantas dificuldades proporcionou a realização desse sonho, que nos momentos difíceis e de dúvidas estava sempre ao meu lado.

A minha avó (Dona Iola), que sempre com seu jeito meigo e carinhoso, seu abraços fortes e palavras de carinho, incentivo e amor me ajudou a superar todos os desafios e dificuldades pelas quais passei na minha trajetória.

Ao Cleocir (Sr. Cle) que junto com minha mãe e minha avó possibilitou a realização desse sonho. Ele que tem o dom de contaminar as pessoas que o cercam com seu jeito tranquilo e calmo de viver a vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que tem me dado força, paz de espírito e tem me guardado e protegido, por sempre me abençoar com saúde e paz de espírito, e que com suas mãos vem a me guiar e orientar pelos caminhos da psicologia.

Agradeço ao meu amor, ou melhor, minha amora, minha mulher, minha querida Héliida, pela compreensão e carinho dedicados em vários momentos do nosso convívio, pela parceria e pelas nossas conversas acadêmicas que vão do “Batman” a “sentidos subjetivos”, pelo afeto, por me escutar e ter sempre uma palavra amiga, de amor e incentivo, por me ensinar com seu jeito meigo, delicado, e também, sério que é preciso ter fé na vida e em nós mesmos.

Agradeço a minha “Gangue” acadêmica. A Paulete que além de grande “brother” também se tornou minha querida co-orientadora nesse processo de monografia, ao Lufê, ao Bibi e a Jó. Agradeço pelos trabalhos em grupo em que nos divertíamos mais do que estudávamos, as piadinhas internas dentro de sala de aula, aos apelidos dados as pessoas que compartilhavam nossos ambientes, enfim, a pureza, a alegria e a simplicidade de nossa amizade.

Agradeço também aos professores que foram fundamentais na construção do meu conhecimento acadêmico e principalmente ao Prof. Fernando Rey meu orientador e pessoa que me transmitiu calma e tranquilidade em todo esse processo, e aos demais professores.

Quem me chamou  
Quem vai querer voltar pro ninho  
E redescobrir seu lugar  
Pra retornar

E enfrentar o dia-a-dia  
Reaprender a sonhar  
Você verá que é mesmo assim, que a  
história não tem fim  
Continua sempre que você responde  
sim à sua imaginação  
(...)

Você verá que a emoção começa agora  
Agora é brincar de viver...

(Brincar de Viver - Composição: Guilherme Arantes)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar os sentidos subjetivos que atletas de alto-rendimento geram para as dores decorrentes do processo de treinamento e competições. Para compreender o sujeito em sua singularidade optei pela teoria da subjetividade de González Rey e a fenomenologia proposta por Merleau-Ponty. Partimos do estudo da subjetividade com um olhar histórico-cultural, onde se considera a singularidade e a história do atleta, e todas as suas ações como uma produção subjetiva que é complexa e se expressa de forma singular. Para compreender os desdobramentos psíquicos relativos à dor foi recorrido a fenomenologia de Merleau-Ponty, onde o corpo representa a possibilidade de compreensão de tudo que o cerca, exaltando a marca corpórea da subjetividade, onde a compreensão da subjetividade está na relação do corpo vivido com ambiente social. O trabalho de pesquisa foi realizado a partir do modelo qualitativo onde se preocupa com a construção do conhecimento conjunta entre sujeito e pesquisador. Assim o modelo qualitativo permite a construção de novas zonas de sentido, o que possibilita uma construção de informações no decorrer da pesquisa, tendo como foco dessa construção as configurações subjetivas dadas à dor.

## SUMÁRIO

Dedicatória	III
Agradecimentos	IV
Epígrafe	V
Resumo	VII
<b>Capítulo 1 – Introdução</b>	10
1.1 Problema de pesquisa	11
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	12
<b>Capítulo 2 – Subjetividade</b>	13
2.1 O nascimento da Teoria da Subjetividade	13
2.2 Noção de Sujeito	14
2.3 A subjetividade	15
2.4 Sentido Subjetivo	16
2.5 - Configurações subjetivas	18
<b>Capítulo 3 - O corpo em Merleau-Ponty</b>	19
<b>Capítulo 4 - A dor</b>	23
4.1 A evolução no estudo da dor	23
4.2 O Atleta de Alto Rendimento e a Dor	25
4.3 A dor como fenômeno subjetivo	27
4.4 A dor e corpo que a sente	29
4.5 A dor e a subjetividade do corpo que a sente	31
<b>Capítulo 5 – Metodologia Qualitativa</b>	33
5.1 Procedimentos metodológicos e Sujeito participante	37
5.2 Instrumentos de pesquisa	38
5.3 Dinâmica conversacional	39
5.4 Complemento de frases	39
5.5 Desenvolvimento da pesquisa	40
<b>Capítulo 6 – Construção da informação</b>	41



	9
6.1 Catarina	41
6.2 Judô dentro da vida de Catarina	42
6.3 Família	44
6.4 Dores e lesões	46
6.5 Bulimia	48
6.6 Vida social fora do judô	51
6.7 Considerações finais	52
<b>Referencias bibliográficas</b>	54
<b>APÊNDICE A</b>	58
<b>APÊNDICE B</b>	62

## 1. INTRODUÇÃO

A prática esportiva é normalmente associada à qualidade de vida e de formação do sujeito. Porém, para um atleta de alto-rendimento a prática de uma atividade esportiva vai além da procura do bem-estar. A rotina de treinos diários e o ambiente de competição e pressão apresentam ao atleta as tensões e contradições de um mundo de vitórias e derrotas. Além disso, a sobrecarga de atividades físicas proporciona ao atleta um grande número de lesões e conseqüentemente sensações dolorosas.

A dor é vista como uma sensação complexa passível de ser encarada sob diversos ângulos. É compreendida como uma experiência sinestésica e emocional que possui um sentido para aquele que a sente, esse sentido é primeiramente individual e pode vir a ser compartilhado possuindo dessa maneira um significado para um determinado grupo ou cultura.

O presente trabalho pretende abordar os desdobramentos subjetivos relacionados às sensações dolorosas que um atleta de alto-rendimento vivencia no decorrer do processo de treinamento e competições. É notável a amplitude e abrangência do tema dor dentro da teoria da Subjetividade, Fenomenologia e para a Psicologia do Esporte, tanto no que se refere a uma produção de conhecimento decorrido de uma pesquisa qualitativa, quanto à sua utilização e intervenção dentro de um modelo prático.

Para a realização deste trabalho foi selecionada uma atleta onde o primeiro contato tido com ela foi por meio de uma reportagem relacionada a uma lesão que acabara de sofrer em uma competição. A partir disso foi feito o convite para a atleta participar do processo de pesquisa. Catarina (nome fictício) tem 15 anos, e pratica judô desde os 2 anos de idade. No decorrer dos encontros Catarina apresentou importantes

indícios da produção de sentidos subjetivos relacionados ao seu corpo, suas dores e outros aspectos da vida esportiva.

Para compreender os desdobramentos subjetivos do sujeito e sua singularidade optei pela Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey por possuir um olhar histórico-cultural, no qual a singularidade e o contexto onde o atleta esta inserido são levados em consideração. Já para entender os desdobramentos psíquicos relativos às sensações dolorosas utilizou-se a Fenomenologia apresentada por Merleau-Ponty, por ser possível compreender o sujeito por meio do corpo, apresentando a marca corpórea da subjetividade, onde a subjetividade do sujeito está na relação do corpo com o social.

A análise da entrevista foi realizada por meio epistemologia qualitativa adotada por González Rey, em que o conhecimento é construído por meio da interação entre pesquisador e sujeito. Dessa maneira a pesquisa qualitativa vai além do nível descritivo da fala do sujeito, e entra nos sentidos subjetivos que configuram os momentos vividos pela atleta na sua vida esportiva. Dessa forma, o modelo qualitativo adotado proporciona a construção de novas zonas de sentido, possibilitando uma construção de informações no decorrer da pesquisa, tendo como foco dessa construção as configurações subjetivas que a atleta da as suas dores.

## **1.1 - PROBLEMA DE PESQUISA**

Quais os sentidos subjetivos que uma atleta de judô de alto rendimento gera para suas dores ?

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Estudar os sentidos subjetivos que atletas de alto rendimento geram para as dores dentro de um contexto histórico cultural.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- a)** Identificar alguns dos sentidos subjetivos produzidos pelos atletas em relação às experiências que geram dor;
- b)** Identificar fatores históricos e culturais que influenciaram nas significações da dor;
- c)** Estudar como os atletas transformam a dor de um fator distressante para um fator estressante.

## 2. SUBJETIVIDADE

### 2.1 O nascimento da Teoria da Subjetividade

A teoria da subjetividade surgiu a partir da necessidade de se olhar o sujeito dentro do seu contexto histórico-cultural, conduzindo a uma representação da psique em uma nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico (González Rey, 2003), transpondo a idéia de uma característica essencial da alma humana. Portanto, a teoria tira do foco o entendimento apenas do indivíduo, organizado por comportamentos ou essências inerentes a ele, indo em um sentido diferente das abordagens psicológicas vigentes na época, e trazendo consigo um tema polemico que é a formação de uma psique histórica e cultural (González Rey, 2003, p.78). Nesse esforço o autor baseia-se na psicologia soviética, especificamente dos trabalhos de Vygotsky e Rubinstein que já haviam apresentado as bases para uma psicologia histórico-cultural a princípios do século XX.

Antes do nascimento da Teoria da Subjetividade, Giorgi (apud González Rey, 2003) afirma que a *“abordagem da psicologia, entendida como ciência natural, caracterizava-se essencialmente por ser empírica, reducionista, quantitativa, genérica, determinista e previsível”* González Rey (2003) mostra que grande parte desses atributos mencionados formam a base das abordagens mais conhecidas da psicologia: Psicanálise e Behaviorismo, que apesar de aparentemente tão diferentes possuem uma visão de mundo muito similar, pois *“ambas as abordagens estão apoiadas em uma representação positivista de ciência e em um modelo cartesiano-newtoniano de fazer ciência”* (p.71).

Sendo uma alternativa para um olhar macro-teórico sobre o sujeito, a Teoria da Subjetividade é uma nova forma de compreender a realidade do sujeito sem

reducionismos. Para entender melhor essa teoria e fazer uma relação com o tema pesquisado é preciso compreender os quatro pilares da teoria: noção de sujeito, a subjetividade, sentido subjetivo e configurações subjetivas.

## 2.2 Noção de Sujeito

Segundo González Rey (2003) o sujeito é ativo, intencional, histórico-cultural que esta em constante interação com o ambiente influenciando e sendo influenciado por este. Não se trata de um sujeito soberano e racional, porém ele também não é completamente alienado, ele é um sujeito que:

“Está, de forma permanente, constituído por configurações subjetivas que não conscientiza. Ao mesmo tempo está produzindo de forma consciente um conjunto de projetos, reflexões e representações com capacidade de subjetivação, as quais são fontes de significados e sentidos cuja conseqüências em termos do desenvolvimento de sua subjetividade estão mais além de suas intenções e de sua consciência, mas que passam a ser agentes do desenvolvimento e da transformação produzidos desde sua atividade consciente.”(pag.49)

Tal teoria apresenta um sujeito complexo, que ao mesmo tempo em que o revela singular, também é, social, interação que não é determinada por nenhum dos lados e sim alimentada por ambos. Por isso essa concepção de sujeito *“é incompatível com o determinismo mecanicista causalista, pois a ação do sujeito é imprevisível”*. (González Rey, 2003, p. 224)

A noção de sujeito retoma o homem como um ser complexo, que consegue apresentar-se como um sujeito singular e social, não existindo um homem que já é determinado e que vai atuar no social, ou um homem que só receberá influências externas e atuará por meio dessas influências, mas sim, um sujeito que vivencia uma relação de múltiplas influências com o social.

De acordo com o autor, o sujeito está, de forma permanente, constituído por configurações subjetivas “que não conscientiza” (p.49). Porém, ao mesmo tempo ele consegue produzir de maneira consciente inúmeras ações que se tornam muito importantes para o desenvolvimento de sua subjetividade, isso faz com que suas ações se tornem um gerador permanente dos processos que constitui o sujeito

Dessa forma, é possível compreender que o sujeito apresentado pela Teoria da Subjetividade é um sujeito que está inserido no meio social e que consegue se posicionar nele e a partir dele, conseguindo produzir seus sentidos por meio dessa interação entre ele e o social, não apenas recebendo influências externas.

O sujeito consegue organizar os seus sentidos subjetivos unindo elementos sociais, culturais, de suas vivências e relacionando-os com suas emoções. Trata-se de um processo dinâmico e singular de significação e resignificação do que já foi vivido, e produzindo novas ações para as demandas atuais. Acredita-se que a teoria da subjetividade e seu modelo qualitativo de pesquisa podem contribuir para uma melhor compreensão das relações do sujeito, fornecendo informações a respeito de como os atletas significa e re-significa suas dores.

### **2.3 A subjetividade**

A teoria da subjetividade surgiu com o objetivo de dar um novo olhar para a psique humana, de um sujeito constituído subjetivamente em sua própria história (González Rey, 2003, p.235), que vai a contramão de uma subjetividade inerente ao homem, fugindo da idéia de um homem que é linear e previsível.

González Rey (2003) usa a subjetividade para definir:

“Um sistema, uma forma de organização em que os diferentes processos e conteúdos que a integram não se afetam entre si fora da organização geral do sistema. Toda influencia externa se integra ao sistema e tem um sentido para ele dentro de sua auto-

organização ao integrar processos que não se afetam de forma direta em suas inter-relações, que são relações de sentido nas quais a constituição histórica do sujeito tem valor essencial na configuração das influências que recebe, as quais nunca atuam de uma condição objetiva suscetível a registros padronizados.” (p.250)

A subjetividade assim como a cultura não é estática. Na subjetividade de um homem encontram-se vários traços culturais da mesma forma como na cultura de uma sociedade é entrada traços da subjetividade dos sujeitos que a compõem. Essa retroalimentação faz com que a subjetividade viva em constante mudança, sendo até contraditória. Ela não aparece apenas no indivíduo, e sim no meio no qual se constrói o sujeito ela representa um sistema subjetivo e, portanto, qualitativo. Por isso *“temos que substituir a visão mecanicista de ver a cultura, sujeito e subjetividade como fenômenos diferentes que se relacionam, para passar a vê-los como fenômeno que, sem serem idênticos, se integram como momentos qualitativos da ecologia humana em uma relação de recursividade.”* (González Rey 2003, p. 78)

Assim é possível compreender que o sujeito possui uma subjetividade histórico-cultural, e que ele apresenta processos e significações individuais e sociais e que variariam de indivíduo e cultura.

## **2.4 Sentido Subjetivo**

O sentido subjetivo é constituído nas interações do homem com o social, sempre presente nas suas relações com os ambientes que frequenta. Assim o sentido subjetivo se constitui de forma diferente em cada sujeito, mesmo que vários indivíduos estejam em uma mesma sociedade cada um vai constituir o seu próprio sentido subjetivo. Cada indivíduo trabalha as influências do social de uma maneira diferente e desta forma produz sua subjetividade individualmente (González Rey, 2003). Sendo assim, podemos afirmar assim que o sujeito gera sentido subjetivo por meio de suas interações sociais,



criando novas formas de subjetivação que expõem momentos de tensão que podem chegar a separar suas configurações das configurações sociais.

González Rey (2003) define sentido subjetivo como sendo:

“A unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro. O sentido subjetivo representa uma definição ontológica diferente para a compreensão da psique como produção cultural”. (p.127)

As emoções que o autor menciona são essenciais para a definição do sentido subjetivo das interações do sujeito. Desse modo, uma experiência ou ação só possui sentido para o sujeito quando ela possui em si emoção que de acordo com González Rey (2003) é “*que define a disponibilidade dos recursos subjetivos do sujeito para atuar*” (p. 245)

Com isso é possível encontrar um ponto de ligação entre o sentido subjetivo e a fenomenologia de Merleau-Ponty quando Furlan e Bocchi (2003) afirmam que “*em toda expressão há um excesso do significado sobre o significante, o que representa mesmo o mistério de toda expressão, esse esforço constante de selar o pensamento pensante através do pensamento pensado, ou a junção provisória de um e outro.*”(p.445)

O sentido subjetivo se forma e transforma como um processo nos variados espaços culturais, em que atua o sujeito. Seu posicionamento frente a esses espaços gera uma produção de sentido que é singular, produto das crenças, do posicionamento e do desdobramento das ações do sujeito.

Toda atividade e experiência humana possui uma grande gama de sentidos, são de sua história e precede um momento atual. Logo esses sentidos e experiências anteriores definem e integram o sentido subjetivo do sujeito em cada ação. Dessa maneira os sentidos subjetivos são alimentados pelas emoções constituídas na história

do sujeito e agregam-se aos espaços simbólicos produzidos nas relações do sujeito do social.

## 2.5 Configurações subjetivas

A configuração subjetiva surge como uma ferramenta para definir e organizar a subjetividade individual. González Rey (2005) apresenta as configurações subjetivas como sendo “*as formações psicológicas complexas caracterizadoras das formas estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos*” (p. 21). Elas são partes do sentido, que surgem no decorrer de uma atividade, nos diferentes momentos de atuação do sujeito. Assim, as configurações subjetivas estão relacionadas à produção de sentido subjetivo, isso ocorre uma anteceder a outra. Elas são construídas pelos mais variados sentidos subjetivos criados pelo sujeito. Fica claro que sempre que o sujeito se depara com uma situação, ele estará evocando os seus sentidos subjetivos, que por sua vez, estão carregados de história e geram um grande número de possibilidade de ações e de produções do sujeito.

As configurações subjetivas do sujeito são compostas por sentidos subjetivos que são produzidos nas relações atuais e históricas do sujeito. Esse conceito produzido para englobar a subjetividade em sua irregularidade e dinamismo. González Rey (1997) afirma que:

“As configurações são pluridimensionais no sentido que elas expressam a inter-relação necessária de diferentes elementos que, por uma ou outra via, vão se convertendo em estados dinâmicos, ou seja, estados portadores de um valor emocional estável que constituem verdadeiras necessidades para o sujeito. Estes estados, sem dúvida, possuem sentido subjetivo somente dentro de uma inter-relação necessária com outros estados constituídos nas configurações subjetivas que as integre” (p.118).

### 3. O CORPO EM MERLEAU-PONTY

Merleau-Ponty (1999) enfatiza o corpo em sua teoria fenomenológica. Ao fazer suas referências ao corpo, ele entra em desacordo com as concepções cartesianas e sua dicotomia entre mente e corpo. O autor procura aprofundar os seus pensamentos em um mundo vivido pelo corpo, um corpo que vive as experiências, reduzindo a intenção do sujeito sobre seus atos e colocando-os sobre uma vertente da percepção do corpo.

Nóbrega (2002) nos apresenta como a visão de Merleau-Ponty difere da cartesiana quando afirma que:

“Nem coisa, nem idéia, o corpo está associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno que não se reduz a perspectiva de objeto, fragmento do mundo regido pelas leis de movimento da mecânica clássica, submetendo a estruturas matemáticas exatas e invariáveis”. (p.101)

A noção de corpo apresentada por Merleau-Ponty se torna presente nas manifestações intersubjetivas, o corpo se torna o meio de compreensão do que é dito e vivido, mostrando um caráter corpóreo da significação, significação essa que se mostra fidedigna com sua interação com o ambiente social (Furlan e Bocchi, 2003). O corpo não pode ser compreendido como objeto que apenas responde a estímulos, ele deve ser compreendido como um corpo que vive e interage com o meio.

Essa interação entre o meio e o corpo é possível a partir da concepção de carne apresentado Merleau-Ponty (1992) não como um material psíquico, orgânico e muito menos espiritual, e sim:

“O velho termo elemento, no sentido em que era empregado para falar -se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. (p. 136).

Para compreender melhor a relação do corpo com o social, pode-se falar em motricidade que aqui possui um significado ligado as experiências do corpo que está em movimento, ajudando a entender de forma mais clara os sentidos e a linguagem construída pelo sujeito a partir de sua movimentação pela cultura. Nóbrega (2002) afirma que pelas *“diferentes possibilidades de expressão corporal podemos compreender a indeterminação da existência, possuindo vários sentidos, elaborados na relação consigo mesmo, com o outro, e com o próprio mundo”*. (p.101-102)

Merleau-Ponty (1994, p.208) apresenta a expressão *“sou meu corpo”* que revela a relação entre o sujeito e o corpo. Com isso ele afirma que os seres humanos são definidos pelo seu corpo, ou seja, a subjetividade coincide com os processos corporais (Nóbrega, 2002). Nóbrega nos mostra ainda que *“na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial só apresenta sentido se unida à dimensão existencial, ao mundo vivido. Essência e existência apresentam-se como dimensões de um mesmo fenômeno, o ser humano”*.

O corpo não é uma estrutura física de um organismo vivo, mas um corpo que vive e interage com tudo a sua volta, porém este corpo não é *“absolutamente objeto conhecido de fora nem sujeito transparente a si mesmo”* (Ricoeur, apud Martini, 2006), o corpo é o que une o sujeito ao mundo, é por meio dele que se pode sentir o mundo, criar significados e sentidos.

Martini (2006) afirma que *“o corpo, compreendido à luz do fenômeno da percepção, é concebido como um núcleo de significações, “lugar” da produção de sentido para aquilo que é vivido como atividades intencionais* “(p. 37) Logo, os sentidos que damos às ações, aos sentimentos e às sensações surgem de uma relação primeira do corpo com o mundo. Assim, pode-se afirmar que primeiro o corpo vivencia

a situação e só depois pode-se construir um conhecimento ou sentimento sobre o que já foi vivido.

A afirmação de Martini mostra um elo entre o “Sentido Subjetivo” da Teoria da Subjetividade e o “Corpo” apresentado por Merleau-Ponty, porém a subjetividade de Merleau-Ponty é enraizada nas interações do corpo com o mundo. Trata-se de “*O sujeito tomado concretamente é inseparável do corpo e do mundo concebidos ontologicamente, numa apreensão global.*” (Martini, 2006, p. 38)

Assim, o corpo se mostra diretamente relacionado à reconstrução da emoção como tema primordial na construção da subjetividade, “*como processo fundador da subjetividade, e não simplesmente como resultado de outros processos que se colocam de forma privilegiada em relação a ela*” (González Rey, 2003, p. 26)

Para a fenomenologia merleau-pontyana tudo que é percebido pelo corpo é percebido em um contexto, nunca acontecendo de forma isolada. Tudo está ligado a um “*contexto da percepção em que os elementos estão entrelaçados*” (Martini 2006, p.40). Com isso a significação das coisas que são percebidas pelo corpo é vista como o encontro de várias associações tanto do presente quanto do passando, diferindo-se do modelo de causa e efeito, de estímulo e resposta. Martini (2006) afirma que “*é a percepção do todo que nos permite observar a semelhança e contigüidade de seus elementos, e não o contrário*”. (p.41)

O corpo apresentado por Merleau-Ponty é um corpo que é voltado para as ações. Um corpo que expressa seus significados por meio dos movimentos, e capaz de compreender os sentidos das palavras quando são contextualizadas. Trata-se de um corpo enquanto potência de ação, em que sua interação com os ambientes possibilitam o entendimento tanto do próprio corpo como do espaço que o rodeia. Isso remete a idéia

de “corpo-sujeito” de González Rey (2003, p. 26) onde o corpo é um sistema histórico de relações do sujeito, que se organiza no ambiente social sobre a base de suas relações.

## 4. DOR

### 4.1 A evolução no estudo da dor

A dor já foi vista e explicada a partir de vários pressupostos como instrução de fluídos magnéticos, desequilíbrio da energia vital, paixão da alma, castigo para os pecadores, forma de iluminação e obtenção de graças divinas, frustração de desejos, sensação corpórea (Carvalho, 1999).

Os fenômenos álgicos da dor devem ser entendidos como fenômenos multidimensionais com componentes físicos, emocionais, culturais e sociais. Porém, até o início do século existia a dúvida se a dor era uma sensação física ou uma emoção, controvérsia devida à dicotomia cartesiana entre mente e corpo (Carvalho, 1999).

A dor é entendida uma sensação de incômodo produzida pelas terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e classificada de acordo com a parte do corpo, com o seu tipo, sua intensidade e periodicidade. Esse pensamento mantém a idéia de causa e efeito onde um sujeito só tem dor a partir de alguma alteração traumática no organismo.

De acordo com Lolan (2006) *“dor como um caso borderline entre o que pode ser fisicamente localizado e medicamente diagnosticado e o que é visto pertencendo ao subjetivo, à esfera experiencial que deve ser explorada por outros significados”*. (p.49)

Neste trabalho será usada a referencia de dor apresentada por Lolan (2006) juntamente com a apresentada pela International Association for the Study of Pain (IASP) que em 1929 definiu a dor como uma experiência sensitiva e emocional desagradável, associada a dano real ou potencial dos tecidos ou descrita em termos de tais lesões. Cada pessoa aprende a utilizar esse termo referente a dor através das experiências dolorosas de sua história.

Existem também outras formas de se compreender a dor, os sentidos atribuídos a ela podem variar de superação de limites em atletas lesionados até mesmo ao pertencimento em um determinado grupo, como os casos de ritos de iniciação em sociedades tribais, como apresenta Pierre Clautres (1978, apud Sarti, 2001) ao estudar tais em jovens em idade adulta. Segundo a pesquisa, normalmente esses processos ocorrem “*submetendo o corpo à tortura*” (P.126) e os jovens a eles submetidos demonstram “*notável poder de resistência*” e em alguns casos ainda em silêncio e tranquilidade.

Em casos como esses, resistir a dor não se trata apenas de uma vitória pessoal, trata-se de uma inclusão social por meio da superação da dor. Sarti (2001) afirma que “*o jovem passa a fazer parte do grupo, a nele reconhecer-se e por ele ser reconhecido*” (p.07). Em complemento Clastres (apud Sarti, 2001) afirma que os sentidos criados pelos jovens para suportar a dor não são caracterizados por “um impulso masoquista, mas de um desejo de fidelidade à lei, a vontade de ser, sem tirar nem por, igual aos outros iniciados” (p.130)

Rúbio e Godoy Moreira (2007) afirmam que a interpretação e a percepção da dor são grandemente influenciadas por fatores sociais e variam conforme raça, religião, sexo e nível socioeconômico, produzindo mudanças em contextos micro e macro, no contexto sociocultural e familiar no qual o sujeito está inserido e que produzirá uma ampla gama de significados à condição presente (Pai, 2005; Sanches, 2002; Yeng, Teixeira, Loduca, Samuelian, apud Rúbio & Godoy Moreira, 2007).

Um grande avanço no estudo da dor veio com a aceitação de que ela não é apenas um fator biológico, e que existe sim um fator subjetivo. Esse avanço é comentado por Kobayashi, (2003) quando ele afirma que até um passado recente as queixas que não pudessem ser comprovadas com a existência de alguma lesão ou



afecção eram desconsideradas ou julgadas como criação do paciente em busca de algum ganho secundários. Nesse posicionamento se evidencia o desconhecimento da dimensão subjetiva dos fenômenos humanos que por muito tempo foi excluída do campo do homem e da medicina de forma geral

Os fatores apresentados pelos autores acima, podem variar dentro de um leque de possibilidades na carreira de um atleta, passando e possibilitando um afastamento temporário das atividades, uma perda monetária ou até mesmo em casos extremos de dor associada a lesão um encurtamento na carreira do atleta.

#### **4.2 O Atleta de Alto Rendimento e a Dor**

Em trabalho realizado com atletas olímpicos brasileiros Rúbio e Godoy Moreira (2007) colocam que a dor é uma constante na vida de atletas de alto rendimento. Constante essa com um sentido ambíguo, ao mesmo tempo em que a dor é entendida como um fator limitante da capacidade humana e esportiva por ser normalmente associada a lesões (no contexto esportivo), ela também pode ser percebida como um fator de superações físicas e de resignificação de uma vitória individual.

Quando falamos de atletas de alto-rendimento usamos o parâmetro estabelecido por Godoy Moreira e Rúbio (2008) que apresentam estes atletas como:

“Aqueles pessoas que treinam com regularidade e buscam objetivos específicos como a superação dos próprios limites e tempos ou a conquista de algum resultado próprio. Isso as leva a desenvolver uma rotina de treinos semanais entre quatro a seis sessões, além do condicionamento físico específico.” (p.03)

Rotela & Heyman, (apud Rúbio & Godoy Moreira, 2007) colocam ainda que atletas devem ser capazes de suportar um limite de dor devido a sua resistência e condicionamento. Essa resistência deve ser observada como um fator biológico na qual

o corpo do atleta é condicionado a certos limiares de dor e também investigada como um fator da subjetividade do sujeito e do seu grupo social em que ele atua. Observar de perto essa resistência e/ou tolerância torna-se muito importante para o atleta e a equipe que o acompanha, pois ela pode ampliar as situações de riscos e lesões (Rubio e Godoy Moreira, 2007).

Rúbio e Moreira (2007) concordam com Rotela & Heyman (1991) quando afirmam que a dor é conhecida dos atletas desde o princípio da carreira esportiva, e que, portanto, embora desconfortável é passível de convivência sem estranhamento. Porém isso só ocorre após um acúmulo de sensações dolorosas advindas de treinamentos e competições onde os sujeitos aumentam suas vivências e obtêm fontes de comparação que se ampliam proporcionando maior domínio e controle da sensação dolorosa (Rúbio e Godoy Moreira, 2007), como também a cada vivência esportiva e dolorosa as sensações de dor vem ganhando um novo sentido para o atleta.

Assim, fica claro que a dor não é padronizada, e ela está muito ligada aos recursos emocionais e subjetivos do atleta no momento em que a sente, e mesmo que os atletas compartilhem o mesmo ambiente e a mesma atividade esportiva, existem e muitas diferenças sendo formas individuais ligadas a subjetividade de cada um.

Sendo assim, pode-se afirmar que os atletas de alto-rendimento normalmente associam dor a uma possível lesão. Temos assim uma emoção sempre atrelada a uma sensação física. Com base nisso é possível afirmar que com o passar do tempo a lesão e, também, as dores, tornam-se naturais à vida do atleta. (Ottoni, Ranieri, Barreira, 2008)

Vale lembrar que a dor não é tomada como elemento primeiro de uma relação causa-efeito, mas como uma experiência presente e latente na vida da pessoa (Ottoni, Ranieri, Barreira 2008).

### 4.3 A dor como fenômeno subjetivo

A dor é uma emoção subjetiva, e cada indivíduo produzindo um sentido para ela. Esse sentido que a princípio é individual dentro de uma cultura acaba por tornar-se um significado compartilhado. A partir disso concordamos com Godoy Moreira & Rúbio (2008) quando afirmam que mesmo a dor sendo uma constante na vida dos atletas, surge aí uma batalha, *“representada na superação de limites, assim como a perseverança observada na construção e conquista da melhor forma atlética”*(p.04). Os autores colocam ainda que *“Uma das grandes motivações de atletas que participam de competições nacionais ou internacionais está não somente na vitória, mas na realização de seus objetivos que pode ser a realização completa de uma prova ou a obtenção de um tempo estipulado que representa um recorde pessoal.”* (p.04)

A dor apresenta-se, então, como um fenômeno subjetivo e deve ser considerada como a dor de uma pessoa, de um organismo completo e não dicotômica, respeitando assim todas as referências e características do sujeito dentro do seu contexto histórico cultural para compreender a partir disso o significado que aquela sensação trás para o sujeito.

O fato de a dor ser um fenômeno subjetivo a torna um fator de risco para os atletas do ponto de vista biológico, devido ao fato de que eles não conseguem distinguir quais dores são provenientes de treinamentos e quais são indícios de lesões ou mesmo qual a capacidade de dor eles conseguem suportar (Rotela & Heyman, 1991). Os riscos se agravam quando a equipe que acompanha o atleta não consegue mensurar a dor que ele sente, pois é impossível para qualquer um conhecer a sensação de dor de outro sujeito. Esse fator decorre do fato de que a dor é uma experiência individual, com características próprias associadas às características únicas do organismo, sua história

passada, e ao contexto no qual ela é percebida (Banoub & Laryea; Chaturvedi & Michae; turk & Melzack, apud Carvalho, 1999). Fazendo uma ponte com a Teoria da Subjetividade de González Rey isso nada mais é do que a Subjetividade da pessoa que a sente e para Merleau-Ponty a experiência do corpo vivido.

Os aspectos subjetivos da dor não aparecem como uma cópia ou algo que difere inteiramente do sistema em que o atleta atua, mas sim algo que é construído dentro do espaço de treinamento e competições vivenciado por ele que implicam na organização da sua subjetividade atual. Dessa maneira as atividades inconscientes ao sujeito que possuem algum tipo de representação são organizadas, significadas ou re-significadas dentro do contexto social em que o atleta atua. Dessa maneira, não é possível afirmar que um atleta sente e representa a mesma dor que outro atleta que tenha a mesma lesão. González Rey (2003) coloca que essa subjetivação *“não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade.”* (p. 78)

Sendo a dor um fenômeno subjetivo, também podemos considerá-la como uma emoção, porque ela pode surgir a partir de experiências do sujeito. A subjetividade permite que as emoções venham à tona através de conteúdos simbólicos do sujeito e ou do meio social. Dessa forma, González Rey (2003) afirma que: *“As emoções constituem um processo de ativação somática produzida por uma experiência, que pode ser exterior ao sujeito, corporal, psíquica e, no caso dos seres humanos, simbólica, dimensão diferenciada do caráter histórico cultural do psiquismo humano.”* (p. 215)

Concordando com González Rey (2003) Neubern (2000) afirma que:

*“As emoções são fenômenos complexos que abrangem múltiplas dimensões. Possuem um substrato biológico e se constituem enquanto ontologias subjetivas ao longo do desenvolvimento do sujeito que se dá em sua interação com o social. São nesse*

sentido, internas, mas ligam-se de forma não linear com o espaço social.” (p. 161)

Com todos os fatores mencionados fica claro que a dor é subjetiva, mas não abstrata (Carvalho, 1999). Ela é sentida por um sujeito que a representa em forma de emoção e esse sujeito precisa ser entendido e respeitado na sua singularidade para que essa dor possa ser verdadeiramente tratada. Assim, fica claro os aspectos sócio-culturais e psicológicos que são fundamentais no entendimento da dor.

#### **4.4 A dor e corpo que a sente**

“Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. (Merleau-Ponty 1999, p. 105)

Merleau-Ponty defende um corpo vivido que organiza significativamente os estímulos vindos do meio, e que interage com eles não apenas é efeito do que vem do social. Crença essa que difere do modelo cartesiano de se fazer ciência o corpo é visto como um objeto que responde a estímulos externos.

Assim, o corpo é uma possibilidade para o sujeito de se comunicar, sentir, fazer suas escolhas, criar seus sentidos e compartilhar seus significados. O corpo torna-se ciente de si ao mesmo tempo em que se torna ciente do social a sua volta e, é por meio das vivências no social, que ele passa a ter conhecimento sobre si mesmo.

Para compreender o fenômeno das percepções no caso abordado à dor é preciso descrever a experiência no mundo do sujeito que a sente. Assim coloca Martini (2006) *“descrevê-la é voltar para a percepção como campo primordial que funda a nossa*

*existência, visto que estamos, pelo corpo, enredados no mundo e ele em nós, formando um tecido relacional com as coisas que antecede e esboça a reflexão”*.(p.42)

Merleau-Ponty (1999) afirma que:

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas” (p.6)

A dor, como um fenômeno perceptivo, é ambígua por possuir uma representação biológica e outra psíquica. Isso reforça o entendimento de que o corpo não funciona de forma automática apenas recebendo estímulos externo, e mas sim como um corpo vivido que interagem com o mundo.

O biológico e o psíquico enquanto existência do corpo não são diferentes entre si, pois *“como ordem do em si e do para si, estão orientados para o mundo”* (Martini, 2006, p. 57). Nas palavras de Merleau-Ponty isso é dito como *“o homem concretamente considerado não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém da existência que ora se deixa ser corporal e ora se dirige aos atos pessoais”* (Merleau-Ponty 1999, p. 130), assim pode vir a ter uma retroalimentação entre as duas partes, o que dificulta compreender na dor os sintomas patológicos e os psicológicos.

A afirmação de Rotela & Heyman, (1991) de que atletas devem ser capazes de suportar alguma classe de dor, pode ser entendida, e explicada agora como um corpo que continua com uma ânsia de interagir com o social. Mesmo com a dor o atleta continua aberto às interações e interagindo com o social, comportamentos estes que ele possuía antes da existência da dor.

Martini (2006) afirma que as “patologias, segundo Merleau-Ponty, não são compreendidas primordialmente na ordem de um corpo que funciona como um automatismo. Nem na ordem de um “eu penso”, das decisões delimitadas, mas na

ordem de uma potência aberta ao mundo, ávida para dele participar e aí ser do modo como deseja ser, segundo seus projetos, mesmo impossibilitado de ser de um determinado modo. É o esforço que o ser do doente faz para sobrepujar a si mesmo, de uma existência permanecer “pulsando” como potência de um campo ordinariamente de percepções”, (p.62-63) que existiam antes do surgimento da dor.

#### **4.5 - A dor e a subjetividade do corpo que a sente**

O significado da dor se constitui a partir de uma construção biológica, psicológica, social, e também, subjetiva. Com base em todas essas influencias é que o atleta elabora suas situações dolorosas. Assim é possível afirmar que cada atleta vivencia a dor de forma única subjetiva e corporal.

Os aspectos singulares e subjetivos da dor podem ser conhecidos pelas manifestações emocionais (González Rey, 2003), sentidas primeiramente pelo corpo que a vivencia (Merleau-Ponty, 1999). O sentido subjetivo que o atleta atribui às sensações dolorosas faz com que ele vivencie a dor de forma singular e a expresse a partir do seu histórico de vida, da realidade em que vive e das influencias sociais e culturais (González Rey, 2003). Porém, todo esse processo ocorre de forma inconsciente no qual não controla sobre nenhum dos sentidos atribuídos às sensações de dor.

É importante ressaltar que o entendimento dos significados e da vivência corporal atribuídas à dor não deve ser estudada apenas em seu aspecto singular, mas também, dentro de um espaço que é grupal, pois o contato do atleta com o grupo pode influenciar na vivência do atleta frente à dor. Em outras palavras, um atleta pode vivenciar a dor de uma forma enquanto está treinando individualmente, de outra

maneira quando está em um treino coletivo ou de uma maneira completamente diferente quando está competindo

Tanto Merleau-Ponty quanto González Rey concordam e definem o sujeito, como um ser singular e complexo. Para González Rey esse entendimento parte de um olhar subjetivo, no qual as emoções são essenciais na definição da subjetividade e fator primordial na construção do sentido subjetivo (González Rey, 2003). Enquanto que, para Merleau-Ponty as emoções e sentidos que tornam o sujeito singular são construídos por meio das vivências do corpo no mundo, e a partir disso que o sujeito atribui sentido as suas dores.

Assim, Martini (2006) coloca que a forma como o sujeito interage com o mundo que o rodeia, permite que o corpo desenvolva uma sabedoria corporal e individual. Dessa forma o sujeito passa a se posicionar frente às situações do seu dia a dia, como as situações de dor em que se depara o atleta, e permite que ele a expresse em acordo com o que foi ensinado pelo meio que ele compartilha, mas com uma vivência corporal que é singular e atribuída a sua subjetividade.

Por tanto, não é possível diferenciar ou separar uma dor como física e outra como psicológica, pois tanto o subjetivo quanto o físico estão ligados pela carne. Merleau-Ponty (1999) afirma que o “*expresso não existe separado da expressão*” (p.238). Assim, no momento em que o atleta expressa sua dor ele está evocando o que é psíquico e produto da sua subjetividade e o que é corporal como resultado de suas interações com o mundo.



## 5. Metodologia Qualitativa

Para a produção deste trabalho o método de pesquisa utilizado foi à qualitativa construtivo-interpretativo de González Rey pela sua amplitude e quantidade de ferramentas para compreender o sujeito nos seus mais diversos campos de atuação, diferente do método do modelo positivista e quantitativo que possui uma visão reducionista acarretando uma dificuldade para compreender o sujeito em seus sentidos subjetivos.

Assim González Rey (2003) afirma que:

Os estudos epistemológicos são essenciais para o desenvolvimento de uma teoria da subjetividade capaz de reverter as representações dominantes da psicologia tradicional, o que é impossível sem modificar os processos implicados na construção do conhecimento. (p.29)

O modelo qualitativo de Gonzalez Rey dá um enfoque maior à investigação do sujeito, com um número maior de referenciais e com um foco na investigação subjetiva do sujeito. González Rey (2002) apresenta a epistemologia qualitativa como uma “forma de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo” (p.28). Para esse estudo é necessário que se saia dos métodos emoldurados existentes, e se adote um método que se adéque a complexidade do sujeito a ser estudado. Desta forma Flick (2004) coloca que “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos à variáveis únicas, mas são estudados em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário” (p. 21).

Um estudo maior sobre o sujeito só é possível a partir de um referencial teórico que possua um caráter de constante construção, que não se limita a uma teoria já existente, mas a um pensamento do pesquisador que caminhe junto com o andamento da

pesquisa, possibilitando novas construções teóricas e criando um espaço de compreensão sobre o assunto estudado.

Sobre isso, González Rey (2005) afirma que:

A afirmação do caráter teórico desta proposta não exclui o empírico, nem o considera em lugar secundário, mas sim o compreende como um momento inseparável do processo de produção teórica. Assim, pretendemos romper definitivamente a dicotomia entre o empírico e o teórico, na qual o empírico se situa como atributo de uma realidade externa e o teórico é considerando mera especulação ou um simples rótulo para nomear o empírico. (p. 8-9)

Em seu livro tratado de metodologia da pesquisa clinico-qualitativa: construção teórico-Epistemológica, discussão comparada e aplicada nas áreas da saúde e humanas Turato (2003) define o método qualitativo como um “um meio científico de conhecer e interpretar as significações – de naturezas psicológicas e sociais – que os indivíduos (...) dão aos fenômenos do campo da saúde-doença” (p. 240). Assim o conhecimento começa a ser tecido por meio da interpretação e da relação do pesquisador e do sujeito, mostrando que não existe uma neutralidade neste tipo de ciência.

O método interpretativo-constutivo da pesquisa qualitativa apresentado por González Rey defende que o pesquisador também participe da pesquisa, deixando de lado uma possível neutralidade apresentada por outros modelos. Porém, ele continua respeitando a singularidade do sujeito, suas crenças, suas vivências, seus sentidos e significados, sua cultura e história.

Esse caráter construtivo-interpretativo de se produzir conhecimento é realizado a partir de uma produção vinda de uma realidade que é mutável, e não como um recorte estático da realidade. Assim o conhecimento é tido como uma produção conjunta entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, pelo espaço de construção que é criado e que possibilita ir mais fundo em uma construção teórica.

A pesquisa qualitativa não coloca o pesquisador como neutro durante o processo de pesquisa, ele é participante e tem influência na subjetividade da pesquisa. Defende-se que o pesquisador participa junto com o pesquisado da elaboração de todos os passos na construção deste saber que também é um saber científico.

Vemos isso quando González Rey (2002) afirma:

O pesquisador além de ser um sujeito participante, posição defendida pelas diferentes modalidades de pesquisa etnográfica, converte-se em sujeito intelectual ativo durante o curso da pesquisa. Não só participa nas relações, mas produz idéias à medida que surgem elementos no cenário da pesquisa, às quais confronta com os sujeitos pesquisados, em um processo que o conduz a novos níveis de produção teórica. (p.57)

Este modelo qualitativo de se fazer pesquisa coloca o foco na interação entre o sujeito e o pesquisador, dessa forma toda a pesquisa se constrói em torno da relação estabelecida entre o sujeito e o pesquisador. Essa interação abre espaço para que o sujeito traga para a pesquisa informações que podem ir além do que o pesquisador procurava estudar quando se iniciou a pesquisa. (González Rey, 2002).

O objetivo do pesquisador quando trabalha com este modelo qualitativo deve ser o de desenvolver e construir conhecimento, diferente do método quantitativo onde se cria uma hipótese e no decorrer da pesquisa procura a comprovação desta. A pesquisa qualitativa procura levantar novas possibilidades, procura construir novos conhecimentos e informações para o que esta sendo estudado.

A epistemologia qualitativa veio como uma nova forma de se produzir conhecimento em psicologia, que vai em uma direção diferente da estabelecida pelos modelos positivistas, e com isso criando novas alternativas para a produção de conhecimento e de um novo fazer científico.

Durante o processo da pesquisa, o sujeito é respeitado em toda a sua complexidade, levando em consideração o meio no qual está inserido, sua história de

vida, as relações estabelecidas por ele, a forma como que ele responde e participa do contexto no qual esta inserido. Conseqüentemente, é possível entender que a produção de ciência estabelecida pelo modelo qualitativo vai além de um recorte feito da realidade na realidade do sujeito. Como apresenta González Rey (2002):

A pesquisa qualitativa é um processo permanente de produção de conhecimento, em que os resultados são momentos parciais que se integram constantemente com novas perguntas e abrem novos caminhos à produção de conhecimento [...] diferentemente do que ocorre na pesquisa quantitativa, na pesquisa qualitativa o problema se faz cada vez mais complexo e conduz a zonas de sentido do estudado imprevisíveis no começo da pesquisa. (P.72-73).

A Legitimação do singular implica em um estudo, interpretação e uma maior produção por parte do pesquisador. A relevância que o singular tem para a epistemologia qualitativa está ligada ao contexto empírico, teórico e dinâmico da pesquisa. Assim a legitimação é devida à capacidade desse método de gerar novas alternativas frente tensão gerada entre o referencial teórico e o momento empírico da realidade estudada.

A respeito da singularidade no modelo qualitativo, González Rey (2005) afirma que:

O valor do singular está estreitamente relacionado a uma nova compreensão acerca do teórico, no sentido de que a legitimação da informação proveniente do caso singular se dá através do modelo teórico que o pesquisador vai desenvolvendo no curso da pesquisa. A informação ou as idéias que aparecem através do caso singular tomam legitimidade pelo que representam para o modelo em construção, o que será responsável pelo conhecimento construído na pesquisa. (p.11)

A proximidade do modelo qualitativo de se fazer pesquisa com as ciências antropológicas proporciona um lugar de destaque aos processos dialógicos, e dinâmicas conversacionais. Ambas as vertentes apresentam a comunicação como sendo uma via privilegiada de interação entre o pesquisador e o sujeito, e por meio dos diálogos que o pesquisador consegue compreender melhor o sujeito e as interferências do social sobre

ele. Assim, González Rey (2005) afirma que “a comunicação será a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições” (p.14). Com esse processo de comunicação entre sujeito e pesquisador vai ao chão o método positivista que apresenta o pesquisador como um sujeito neutro no processo de pesquisa.

A respeito dos processos de comunicação na pesquisa qualitativa González Rey (2005) diz o seguinte:

A comunicação é o espaço privilegiado em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído neste nível. (p. 14)

### **5.1 Procedimentos metodológicos e Sujeito participante**

Para a escolha da participante não foi levado em conta fatores como idade, gênero ou esporte que pratica. Ela foi escolhida no momento em que li uma reportagem sobre ela publicada em jornal local que mostrava que a atleta tinha acabado de sofrer uma séria lesão, e em tempo recorde tinha voltado a sua rotina de treinamentos e competições.

Primeiramente conversei com o pai que também é técnico e com a mãe da atleta, fazendo uma breve explanação sobre a proposta de pesquisa, que os mesmos aceitaram, e permitiram que eu entrasse em contato com a atleta. Ao entrar em contato com a atleta ela mostrou-se interessada em participar da pesquisa e perguntou como eu fiquei sabendo de sua lesão, ao explicar que li a reportagem no mural da academia ela mostrou-se envergonhada comentando que muitos já haviam lido a reportagem e sabiam de sua lesão.

## 5.2 Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos usados pela pesquisa qualitativa são ferramentas para que o pesquisador consiga uma aproximação com o sujeito, sendo eles facilitadores para que a subjetividade do sujeito venha à tona.

A partir dos instrumentos é possível se obter um grande número de informações que possibilitam uma maior compreensão da subjetividade do sujeito. Eles se são ferramenta para que o pesquisador consiga uma interação maior com o sujeito, e facilitando o surgimento da subjetividade do entrevistado, método diferente do modelo positivista. Em relação ao uso de instrumentos González Rey (2005) afirma que “*o instrumentalismo tem hegemonizado o processo de coleta de informações nas ciências sociais. Os instrumentos, segundo essa tradição têm sido associados a categorias universais através das quais se estabelecem relações diretas e universais entre certos significados e formas concretas de expressão do sujeito. Partindo dessa forma de uso, a aplicação de tais instrumentos não passa de uma rotina classificatória.*” (p. 2)

Durante a entrevista foram realizadas perguntas abertas dentro de um roteiro semi-estruturado, que poderia ser descartado dependendo do andamento de nossa conversa. Durante nossos diálogos não se pretendeu chegar a uma conclusão ou confirmar nenhuma teoria pré-existente, mas sim a construção de um conhecimento conjunto, abrindo possibilidades para qualquer questão que não havia sido prevista anteriormente e que pudessem surgir no decorrer da pesquisa tendo grande importância para o processo construtivo-interpretativo

Com relação às entrevistas no método qualitativo, González Rey (2002) afirma que:

A entrevista, na pesquisa qualitativa tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações

aparecem na complexa trama em que o sujeito se experimenta em seu mundo real. Surgem inúmeros elementos de sentido, sobre os quais o pesquisador nem sempre havia pensado, que se convertem em elementos importantes do conhecimento e enriqueceram o problema inicial planejado de forma unilateral dos termos do pesquisador (González Rey, 2002, p.89).

### **5.3 Dinâmica conversacional**

González Rey (2005) em seu livro *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade* apresenta a dinâmica conversacional como sendo um processo tem o objetivo de direcionar o sujeito participante a campos significativos da sua experiência pessoal, sendo eles capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual. Desse modo, por meio desses espaços, o relato expressa o mundo no qual o sujeito está inserido, seus conflitos e reflexões. Possibilitando assim novos processos simbólicos, emoções, levando a trama de sentidos subjetivos.

No decorrer da pesquisa a conversação teve o objetivo de trazer a subjetividade do sujeito à tona, implicando também na participação do pesquisador como sujeito atuante na dinâmica conversacional.

### **5.4 Complemento de frases**

O complemento de frase é um instrumento usado no modelo qualitativo de Gonzalez Rey que é organizado por uma quantidade de frases incompletas que o sujeito participante da pesquisa deve completar com a primeira coisa que lhe surgir no momento em que a ler. Esse instrumento possibilita a compreensão de sentidos complexos da vida do participante.

Por meio do complemento de frases é possível produzir indicadores, que com a interpretação do pesquisador, são fontes de construção teórica que possibilitam o

desenvolvimento de modelos capazes de gerar inteligibilidade sobre o problema estudado. (González Rey, 2005).

O autor coloca ainda que o complemento de frases possibilita o surgimento de um conjunto de hipóteses e que essas hipóteses levam a sentidos subjetivos que marcam uma característica conflitiva do momento atual em que o sujeito vive, o qual não pode ser alheio ao sentido subjetivo (p.141).

### **5.5 Desenvolvimento da pesquisa**

O interesse em sujeitos que sentem dor, e as significações que cada um dá para essas emoções surgiu com uma matéria de estágio em psicologia clínica com pacientes que sentem dores muitas vezes crônicas. Tendo um convívio com atletas, surgiu o questionamento a respeito de como eles representavam suas dores dentro de seu cotidiano de treinos e competições, e ainda como essas emoções dolorosas eram expressadas em contextos sociais e individuais.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de três encontros na residência da atleta. No primeiro momento, a entrevista foi direcionada para o começo da vida esportiva da atleta, como o esporte entrou na sua vida hoje e suas pretensões esportivas para o futuro, foi conversado sobre suas dores e sua última lesão. No segundo encontro foi entregue a entrevistada o complemento de frases. E, durante o último encontro conversamos a respeito de como foi para ela fazer o complemento de frases, foi feito um agradecimento pela participação na pesquisa e sua finalização.



## **6. PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO**

### **6.1 Catarina**

A princípio a pesquisa com a atleta foi pensada a partir do estudo sobre corpos, dores decorrentes do processo de treinamento/competições e subjetividade. Foi pensando em estudar como a atleta subjetiva suas dores e as re-significa. O tema da bulimia foi apresentado pela atleta no decorrer das conversações.

O primeiro contato com Catarina foi na academia em que treina, logo após o término do treino de judô apresentei a pesquisa a ela e a seu pai e técnico, a convidei a participar de algumas entrevistas que proporcionariam informações para minha monografia de término do curso de graduação. Também apresentei a Catarina uma carta convite e o termo de livre consentimento para ela e seus responsáveis. O processo de pesquisa com Catarina foi feito por meio de quatro encontros, em um deles foi entregue a ela o complemento de frases para que ela respondesse. Os encontros foram realizados em locais escolhidos por ela mesma, em três encontros ela preferiu conversar em sua academia um pouco antes do seu treinamento diário, porém, nosso último encontro foi realizado em sua residência. Foram realizadas 3 entrevistas que duraram em média 40 minutos, tempo que Catarina tinha disponível dentro do seu dia.

Catarina é uma jovem de 15 anos, que cursa a 8ª série do ensino fundamental, mora com seus pais, é filha única, treina judô desde os seus dois anos de idade, mesma idade em que começou a fazer balé, porém saiu do balé com 7 anos por acreditar que era muito “delicado” para ela. Sua rotina de treino é diária, sendo que treina no mínimo 5 horas por dia de segunda a sexta-feira, tendo competições todos sábados e aos domingos, e pela manhã participa de treinamento em outra academia.

Catarina mostrou-se muito receptiva a entrevista desde nosso primeiro contato, no decorrer de nossas conversas, ela confessa que não vê problema em falar das suas

experiências. Porém, sentiu vergonha quando foi entrevistada por uma emissora de televisão e um jornal impresso de grande circulação na cidade, essa vergonha surgiu a partir do momento em que seus colegas viram as reportagens e brincavam com ela. No decorrer das nossas conversas, procurei deixar Catarina a vontade e sempre que notava que ela se incomodava com alguma pergunta, eu aproveitava o conhecimento sobre o judô que tenho para deixar nossas conversas mais brandas e futuramente voltar ao tema que a incomodava. Esse processo proporcionou uma empatia entre mim e Catarina que permitiu que nossas conversas fluíssem de maneira muito agradável, e que viessem à tona zonas de sentido muito significativas para o trabalho.

## **6.2 O Judô dentro da vida de Catarina**

Catarina começou a treinar aos dois anos de idade incentivada por seu pai que também é seu técnico, Catarina relata que seu pai a colocou no judô para ver se a filha ia gostar do esporte.

Perguntei quando começou a competir, Catarina disse que aos 3 anos de idade, mas que não levava muito a sério porque todas as crianças ganhavam medalhas de ouro, e que o ritmo de competições foi introduzido em sua vida de maneira gradual, que até os 12 anos os atletas ganhavam medalhas até o 5º lugar, e que foi a partir desse momento que começou a levar os treinos e competições mais a sério, e que com treze anos começou a competir os campeonatos brasileiros e o judô se tornou mais importante para ela.

Eu percebo que a vida de Catarina gira em torno do esporte, Catarina treina pelo menos 5 horas durante todos os dias da semana, dividindo sua rotina entre treinos de musculação, corridas, e treinos técnicos de judô. Em um de nossos encontros perguntei

como ela lidava com essa rotina de treinos, onde ela respondeu: *“Ah, eu gosto, não consigo mais viver sem o judô. sabe? Virou minha rotina. Toda hora ter que treinar.”*

A narrativa de Catarina denota a dificuldade que ela possui de ficar longe do esporte. O período mais longo sem treinar foi de quarenta e cinco dias que ficou afastada da rotina de treinos devido a uma lesão no quadril. Porém, por orientação médica esse período deveria ser de sessenta dias.

Catarina conta que já tentou parar de treinar: *“Ano passado, que eu falei: “Não quero mais, enchi o saco, não vou mais treinar”. Mais adiante ela explica o porquê não conseguiu parar de treinar: “porque está do lado de casa, no meu quintal. É só escutar o barulho no tatame que fico com vontade de treinar”.*

No final de nossas conversas perguntei como seria sua vida se não pudesse mais treinar judô, onde Catarina prontamente responde: *“Eu ia assistir, fazer alguma coisa lá dentro. Ia assistir, ia torcer, não sei, ia fazer alguma coisa (risos), mesmo sem treinar eu não ia ficar longe, sem o judô não dá”.* E no complemento de frase: *Ser atleta... minha vida, minha vocação.*

O judô é importante para Catarina, e durante vários momentos em nossos encontros ela apresentou indicadores de sentidos subjetivos relacionados ao esporte que pratica, como no complemento de frases:

*Eu gosto... Judô;*

*Me divirto... Treinando;*

*O Esporte... Minha vida;*

*O judô... Não sei viver sem;*

*Ser atleta... Minha vida, minha vocação.*

Percebo que as falas de Catarina apresentam grandes indícios emocionais, conseqüentemente, de sentidos subjetivos que estão atrelados ao judô e ao fato de ser

atleta. Esses sentidos parecem se configurar de forma que ela passa a ter certeza que o judô é fundamental em sua vida, e que *“não consegue viver sem”* ele. Assim, o sentido subjetivo de ser atleta e praticar judô, entre outras consequências que estas escolhas trazem, se mostram enraizadas em sua vida.

### 6.3 Família

Catarina pertence a uma família de pessoas voltadas ao esporte. Seu pai é seu técnico desde o início dos treinos, sendo também graduado em educação física juntamente com sua mãe. Seus pais possuem uma academia de ginástica que fica ao lado de sua residência, sendo que o tatame e local de treinos de Catarina fica no quintal de sua casa.

Em uma de nossas conversas Catarina fala como é ter um pai que também faz papel de técnico: *“24 horas no meu pé (risos), mas é bom... por um lado é bom, por outro lado não é tão bom assim. Porque ele exige muito mais de mim do que dos outros. Mas pra mim eu acho bom, porque como eu quero entrar na seleção eu preciso fazer um pouco mais do que os outros”*. No complemento de frase ela coloca sobre o pai: *Meu pai... quem me incentiva*

O que percebo a partir de suas falas e do apresentado a cima, é que existe uma emoção forte quando fala do pai que pode estar produzindo sentidos subjetivos relacionados ao que sente ao praticar judô, um sentimento de pertencimento à família e cumplicidade pode estar se articulando em suas configurações subjetivas.

Em outro momento indaguei o que sua mãe pensa sobre sua rotina de competições e de treinamentos, ao que Catarina responde: *“Minha mãe, como ela fez mestrado em ciências da saúde, ela diz que competição não é saúde, ela não gosta*

*muito que eu vá competir, mas ela também não me põem pra baixo*". Além das respostas no complemento de frases: *Minha mãe... quem me apóia*.

Estas falas indicam um relacionamento uma contradição dentro da família quando o assunto é o esporte. Mesmo que sua mãe não "goste" que Catarina participe de competições ela também não se mostra totalmente contra. Isso é importante porque não divide os sentimentos de Catarina em relação ao esporte, dessa maneira a família permanece tendo um sentido forte para ela, porém, ela não se abre ao restante da família, todos os seus relatos são voltados a família nuclear, à qual ela tem identificação e integração representando um relacionamento tranquilo e feliz. No complemento de frases ela coloca: *Minha família... importante*.

Em outro momento, Catarina confessa que já teve Bulimia e que tem pensamentos "anorexos", e que as únicas pessoas que ficaram sabendo do seu distúrbio alimentar foram seus pais, em relação a eles Catarina acrescenta: *"Minha mãe só chorava, meu pai meio que (silêncio) fingiu que não via. Mas minha mãe conversava, porque ela da aula disso, né?!"* em outro momento perguntei se ainda conversava com sua família sobre seus distúrbios alimentares onde responde: *"não comento mais, mas meus pensamentos são totalmente anorexos"*.

É nesse ponto que percebo um tabu familiar, mesmo que Catarina seja apoiada pelo pai e que a mãe não a incentive a participar de competições, mas também não se coloque contra esse processo, mantendo assim uma relação familiar harmoniosa no que se refere à carreira esportiva de Catarina. Porém, durante nossos encontros não consegui obter muitas informações a respeito da família, foram apenas algumas citações a respeito e acredito que essas poucas citações se devem ao não falarem sobre a bulimia apresentada por Catarina e transformando isso em um "Não dito", um tabu familiar.

#### 6.4 Dores e lesões

Catarina como qualquer outro atleta convive lado a lado com dores e lesões. Ela conta que desde o início da sua carreira só teve uma lesão séria até hoje, que é a lesão no quadril. Ela estava treinando com a seleção de Brasília quando recebeu um golpe e ao se defender o fêmur saiu do quadril. Mesmo essa sendo apontada como a única lesão séria Catarina possui tendinite nos dois joelhos e esta desenvolvendo uma lesão na escápula, existindo ainda outras pequenas lesões que ocorrem nos treinos e campeonatos, como: dedos quebrados e arranhões pelo corpo.

Durante as entrevistas, Catarina não comentou muito sobre suas dores, quando falava sobre elas procurava falar de uma forma distante, como se ela estivesse falando das dores de outra pessoa ao invés de falar da suas. A partir daí notei, que existe um núcleo de sentido em suas dores. No complemento de frases ela coloca: *“As dores... uma forma de superação”*.

Esse complemento é um indicador do sentido subjetivo que ela produz em relação à dor, ela vê suas dores e lesões como uma forma de se superar e atingir seus objetivos. Em outro momento ela coloca que deveria ficar três meses sem lutar, mas que ela poderia correr e treinar o quanto conseguisse, mas sem fazer lutas. Catarina fala que: *“ com dois meses eu comecei a lutar, porque eu ia ter campeonato no outro mês, que era o brasileiro. Ai eu comecei a lutar forte, mas eu sentia muita dor”*.

Percebo que Catarina não se preocupa com suas dores e lesões em si, mas sim, com o que elas podem acarretar como o afastamento do judô. Quando perguntei como ela se sentiu quando lesionou o quadril ela relata que: *“Eu não chorei na hora que eu senti, eu fui chorar depois que já tinha colocado no lugar... Que o médico falou que eu ia ter que ficar três meses sem treinar.”* *“mas Dr. não dá pra ficar três meses sem*

*treinar”... Na hora que eu vi, a primeira coisa que eu pensei foi no brasileiro, que eu ia competir no regional e eu não ia poder malhar, aí eu comecei a chorar” .*

Durante nossas conversas fica evidente a luta constante entre Catarina e suas dores, porém, ela desenvolve mecanismos de enfrentamento para superar as dores e continuar a treinar e lutar, seu desejo de ser campeã brasileira e o de entrar para a seleção brasileira de judô. Ela apresenta esses mecanismos quando pergunto como ela consegue lutar sentindo dores, é nesse momento que ela responde: *“Porque meu objetivo é conseguir ser campeã brasileira, no brasileirão. Não consegui, até hoje só fiquei em terceiro”*. No complemento de frases ela também diz:

*Meu futuro... na seleção*

*Desejo... um dia ser campeã mundial*

*Minha vida futura... na seleção*

Essas falas indicam as alternativas criadas por Catarina para o enfrentamento das dores que sente. Dessa forma, percebo como um movimento de tornar-se sujeito do seu próprio processo. Acredito que os indicadores apresentam as emoções de Catarina ligadas à valorização de si e de suas ambições o que pode estar articulada na configuração subjetiva que expressa o alívio de suas dores.

Em outro momento, quando procurei investigar fatores culturais ou ambientais que pudessem interferir na produção de sentido para as dores, e investigar se as dores decorridas dos processos de treinamento eram as mesmas produzidas em estado de competição e se os sentidos atribuídos a elas eram os mesmos obtive as seguintes falas: *“ Já senti mais dores treinando, agora eu não sinto tanto, mas quando eu começo a sentir, eu dou uma alongada, dou uma parada e alongo, dou... descanso um pouco, eu volto. (...) No campeonato eu seguro mais as dores. Mas aí eu também num... num deixo por menos. (...) porque se eu não acostumar, vai chegar lá (campeonato) eu vou*

*fazer o mesmo, eu vou parar. Ai... é eu acostumar aqui e não fazer lá diferente. (...) As mesmas lesões ninguém tem, mas... tem gente que sente dor. Não sei se é a mesma coisa”.*

Nestas falas percebo que o ambiente fornece fatores para a construção do sentido subjetivo que Catarina dá as suas dores vemos isso quando ela fala que nas competições ela “segura mais as dores”, me remete a afirmação de Sarti (2001) quando afirma que o jovem passa a fazer parte do grupo quando desenvolve notável poder de resistência, e assim, por ele também ser reconhecido.

## 6.5 Bulimia

Percebi um descontentamento de Catarina em relação ao seu corpo. Desde nosso primeiro encontro, Catarina sempre que possível fala do descontentamento em relação ao seu corpo, descontentamento com seu peso e sua altura, isso fica claro com algumas respostas do complemento de frase:

Meu maior problema... peso.

Meu principal problema... com a balança.

Meu corpo... gordo.

Me deprimos quando... me olho no espelho ou subo na balança.

Em uma resposta no complemento de frases Catarina coloca que gostaria de saber “porque é assim”, questionei essa resposta foi quando ela respondeu: *“ah, porque eu gosto... Do judô e não de outra coisa... porque eu sou masoquista (risos)”*. Completando em outro momento quando ela coloca: *“no judô como é diferenciado por peso, ai eu tenho que perder peso, ai eu como que nem uma louca doente e consigo emagrecer de novo. Ai eu chego ao peso e como feito uma louca de novo”*.



Percebo pela fala de Catarina que ela desenvolveu o seu processo bulímico na busca de um peso abaixo do seu peso ideal para participar das competições de judô, se confirma isso pela sua própria fala: *“meu peso normal é 45/46; meu peso é até 44 (categoria do judô)”*. completando ainda que para emagrecer, usa outros artifícios que vão além do ato de vomitar, ela fala que: *“eu corro, fecho a boca, não bebo água (risos)”*.

Tais rituais de emagrecimento fazem com que Catarina perca peso e consiga se manter dentro do peso desejado por ela, porém, tem que lutar estando mais fraca do que suas adversárias ou como ela mesmo apresenta: *“mais fraca, sempre!”* o que aumenta suas chances de perder a luta, sendo a derrota outro fator de sofrimento pra ela. Houve determinado momento que ela disse: *“sou uma péssima competidora, eu não sei perder. Ai eu começo: “Porra, eu não presto! Eu não sei fazer nada, nunca ganho nada”. Ai eu só vou chorando mais, chorando mais, chorando mais, e chorando baixo”*. Em outro momento ela acrescenta qual é sua maior dificuldade: *“perder, eu não consigo entender isso de jeito nenhum. Sabe quando você vai lá no fundo do poço e você volta?!”* E no complemento de frase:

*Sofro... quando perco.*

*Sinto dificuldade... quando perco.*

*Infelizmente... ainda tenho dificuldade com as derrotas.*

Percebi durante nossas conversas que Catarina desenvolveu seu distúrbio alimentar em uma idade próxima a qual começou a levar as competições de judô mais a sério, em sua própria fala ela mostra isso: *“ a partir dos 13 anos começam os brasileiros e sobem no podium só o 1º, 2º e 3º”*, e em outro momento ela fala: *“A preocupação é antiga (com o peso), porque minha família é toda gordinha, ai eu comecei... a vomitar com 12. Eu contei pra minha mãe com 13”*.

Em determinados momentos dos nossos encontros Catarina mostra claramente a não aceitação do seu corpo. Em um momento questionei qual seria o corpo ideal para ela, onde ela prontamente fala: *“Eu queria ter um metro e oitenta e pesar 30 quilos, mas nunca vou ter um e oitenta”*. É importante reparar que Catarina só comenta que nunca vai ter a altura desejada, não comenta sobre o peso desejado. Em um ponto da conversa Catarina conta que já chegou a ser muito magra: *“Eu cheguei nos 39 aí eu tava começando a perder, aí eu peguei e falei pra minha mãe, porque eu queria continuar e tava perdendo tudo, não dava!”*. Hoje Catarina tem um metro e quarenta e sete de altura e pesa quarenta e cinco quilos.

Durante nossa conversa perguntei a Catarina se ela considerava seu peso como sendo seu principal problema, ao que ela respondeu: *“É meu principal problema! Mas eu não quero deixar de treinar, eu não posso parar de treinar”* em outros momentos ela acrescenta o que a impede de continuar vomitando: *“judô. quando vomito fico fraca, eu não tenho medo. (silêncio) se eu não tivesse o Judô, eu não tenho medo de morrer por causa disso, mas como faço judô eu penso que se eu vomitar eu fico fraca então como vou lutar?!”* (...) *“Eu queria chegar nos 39, e tipo, como atleta eu não consigo”* (...) *“Eu sei que aprendi a vomitar pra emagrecer, mas não vomito por causa do judô”*.

As falas de Catarina mostram o sentido ambíguo que o Judô representa para ela, ao mesmo tempo em que é provável ela ter desenvolvido um distúrbio alimentar devido a rotina de competições, o próprio judô a impulsiona a não vomitar pois dessa maneira fica fraca e não consegue competir, tendo assim um fator que ao mesmo tempo em que gera uma doença, também produz um significado positivo e neutraliza seu processo bulímico.

Percebo com as falas de Catarina que o esporte é uma ferramenta fundamental para a produção de saúde, porém, percebo com as falas de Catarina que dependendo do

envolvimento subjetivo que a pessoa tenha, o esporte pode ser representado com sentidos subjetivos que prejudicam a saúde do praticante, tornando-se assim, uma atividade não saudável em si. A obsessão com ganhar e as dificuldades com seu peso, fazem com que o sentido subjetivo de se alimentar mude, e que apareça uma produção sentido atrelada ao comportamento bulímico que Catarina não consegue controlar.

## 6.6 Vida social fora do Judô

Em nossas conversas Catarina falou várias vezes de uma vida social fora do judô, sempre alegando que não possui tempo para sair porque precisa treinar ou estar descansada para as competições, ou até mesmo, “abre mão de muita coisa” pelo judô: *“Eu queria sair mais, ter mais amigos, mais ao mesmo tempo eu não tenho coragem de largar o judô; gostaria que o dia tivesse 48 horas ai eu conseguiria fazer tudo! (risos)”*. No complemento de frases acrescenta:

Lamento... não aproveitar tanto os momentos.

Festas... adoro, porém prefiro treinar.

Abro mão... da minha vida social pelo judô.

Catarina possui uma vida bem distante da vida que uma adolescente da sua idade possui, quando nosso assunto girou em torno de festas e namoros, Catarina disse: *“Prefiro treinar do que sair, é pra atingir meu objetivo, e eu sei que se eu ficar saindo não vou conseguir, porque não vou conseguir treinar em consequência da noite mal dormida” (...)* *“Às vezes eu nem saio no mês, tem mês que tem competição ai eu nem saio. Além de não poder comer, eu num (silencio) eu tenho treino no outro dia de manhã” (...)* *“Meu namorado é do judô (risos), então... minha vida pessoal é no judô,*

*toda minha vida é no judô, meus amigos são do judô, quando a gente sai, a gente sempre sai junto”.*

### **6.7 Considerações finais**

O cenário esportivo proporciona um ambiente de subjetivação que pode ser visto a partir do aspecto social e também, do individual, no qual existem tensões de âmbito familiar, cultural e individual. Dessa maneira o contexto esportivo e a forma como o atleta interage com ele apresentam um solo fértil para estudos dos sentidos subjetivos, das emoções e contradições que o esporte proporciona ao atleta de alto-rendimento.

A relação do atleta com o seu corpo, ferramenta fundamental para sua prática esportiva, e as implicações que essa pratica em um ritmo de alto-rendimento geram nesse corpo como lesões, dores, e no caso estudado o desenvolvimento de um comportamento bulímico, podem fazer com que o atleta gere emoções e sentidos subjetivos prejudiciais como resultado dos processos subjetivos gerados na prática esportiva, mesmo que esta seja uma prática considerada sadia em si mesma.

O fato do atleta ser visto pela sociedade contemporânea como referencial de corpo perfeito e saudável pode também vir a criar uma articulação entre a subjetividade individual e social que fazem com que o atleta busque uma condição física considerada por ele ideal, porém, distante dos padrões considerados saudáveis por especialistas. No trabalho realizado com Catarina pode-se observar uma intensa produção de sentidos subjetivos voltados ao corpo e ao esporte, porém alguns deles produtores lesões e dores musculares por excesso de treinos e má alimentação.

O sistema familiar torna-se fundamental no caso estudado, pois, além de Catarina ser uma atleta de 15 anos de idade, ainda é jovem e não possui grande experiência esportiva e de vida. Esse sistema pode auxiliar a adolescente na construção de seus sentidos subjetivos relacionados ao esporte. O fato do seu pai ser também seu

técnico, e sua mãe estudar ciências da saúde podem fazer com que a atleta se confunda com o real significado da vida esportiva, criando sentidos subjetivos voltados ao seu corpo que não são geradores de saúde.

É necessário salientar que dependendo da relação subjetiva do sujeito com o esporte ele pode seguir como um importante instrumento para a produção de saúde, ou como no caso estudado, a pessoa praticante pode gerar sentidos subjetivos que prejudicam sua saúde. O que torna a prática esportiva saudável ou não é a produção subjetiva que se configura no decorrer da atividade. Dessa maneira a relação do atleta com o seu corpo, suas lesões e dores pode fazer com que o sujeito altere o sentido subjetivo dado ao esporte e conseqüentemente vir a desenvolver uma doença como no caso a Bulimia ou até mesmo a desistência da vida esportiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, M.M.J. (1999), *Dor: um estudo multidisciplinar*. São Paulo: Summus Editorial.

Flick, U. (2004) *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.

Furlan, R.; Bocchi, J. C.. *O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty*. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 8, n. 3, Dec. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em: 02. Ago. 2009

González Rey, F. L. (2003) *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning,

González Rey, F. L. (1997). *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: Educ.

González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson.

González Rey, F. L (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os Processos de Construção da Informação*. São Paulo: Thomson Learning.

Godoy Moreira, F. Rubio, K. (2008) *A dor em corredores com fascite plantar: o uso da acupuntura*. Revista Dor (São Paulo), v. 9, p. 1290-1296.

Kobayashi, C. (2003) *Da história da dor a dor na história: histórias de vida de acidentados com dor*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Martini, O. A. (2006) *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*. Dissertação de mestrado em filosofia da universidade são Judas Tadeu. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em: 03. Ago. 2009

Otoni, G., Ranieri, L. P. e Barreira, C. R. A. (2008) *O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento*. Rev. bras. psicol. esporte, dez. 2008, vol.2, no.2, p.1-32. ISSN 1981-9145. . Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em: 29. Jul. 2009

Martini, O. A. (2006). *Merleau-Ponty Corpo e Linguagem: a fala como modalidade de expressão*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo.

Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. (1999) Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes,

Merleau-Ponty, M.(1992) *O Visível e o Invisível*. 3ª Ed. Trad. De Arthur Gianotti G. G. Pereira. São Paulo: Editora perspectiva,

Neubern, Maurício S. (2000) *As emoções como caminho para uma epistemologia complexa da psicologia. Psic.: Teor. e Pesq.* [online]., vol.16, n.2, pp. 153-163. ISSN Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em: 01. Out.2009

Nóbrega, T. P. (2007) *Merleau-Ponty: O corpo, o filósofo e o mundo de toda a gente*, Apud: XV conbrace e II conice, Recife. Anais do XV conbrace e II conice. Recif: CBCE

Nóbrega, T. P. (2002) *O Corpo Como Obra de Arte*. (apresentação de trabalho em conferencias e palestra).

Rúbio, K., & Godoy Moreira, F. (2007). *A representação de dor em atletas olímpicos brasileiros*. Revista dor (São Paulo), 8, 926-935.

Sarti, C. A.. *A dor, o indivíduo e a cultura. Saúde soc.*, São Paulo, v. 10, n. 1, Julho 2001. Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em: 04. Out .2009

Teixeira, M.J.. & Figueiró, J.A.B & Yeng, L.T. & Pimenta, C.A.M. *Tratamento Multidisciplinar do doente com dor*. Apud: Carvalho, M.M.J. (1999), *Dor: um estudo multidisciplinar*. São Paulo: Summus Editorial.



Turato, E. R. (2003). Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção Teórico-Epistemológica, Discussão Comparada e Aplicação nas Áreas da Saúde e Humanas. Petrópolis: Vozes.

## APÊNDICE A

Eu gosto...
O tempo mais feliz...
Gostaria de saber...
Me divirto...
Lamento...
Meu maior medo...
Minhas lesões...
Na escola...
Não posso...
Sofro...
Eu gosto muito...
Meu futuro...
Quando fico sem treinar...
Este lugar...
Algumas vezes...
Minha principal preocupação...
Desejo...
Secretamente eu...
Meu maior problema...
O esporte...
Amo...
Minha principal ambição...
Eu prefiro...
Meu principal problema...
Luto...
Gostaria...
A felicidade...
Considero que posso...
Festas...
Meu namorado...
Abro mão...
Fracasso...
Quando tenho dúvidas...
Diariamente me esforço...
O mais importante...
Eu...
Meu maior desejo...
As competições...
Infelizmente...
Um dia eu quero...
Este lugar...
Algumas vezes...
Minha principal preocupação...
Desejo...
Secretamente eu...
Meu maior problema...

O esporte...
Amo...
Minha principal ambição...
Eu prefiro...
Meu principal problema...
Luto...
Gostaria...
A felicidade...
Meus companheiros de treino...
Minhas aspirações...
Meus estudos...
Meus amigos...
Ser atleta...
Minha vida futura...
Meus treinos...
Farei o possível para...
Sempre penso...
Esperam que eu...
Me motiva...
Dedico maior parte do meu tempo...
Sempre quis...
Sempre que posso...
Com frequência sinto...
Minhas metas são...
Esforço-me...
Quando me machuco...
Minha casa...
Incomodam-me...
Meu melhor amigo...
As pessoas...
Meu maior prazer...
Meu pai...
Minha mãe...
Um dia...
Minha família...
Meu corpo...
Detesto...
Quando estou sozinha...
Meu maior medo...
O esporte...
Me deprimos quando...
Meu grupo...
As dores...
Os treinos...
O judô...
Minha academia...

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

a ser lido e assinado pelos responsáveis pelos adolescentes, conforme exigido  
pela resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde

**Nome da Pesquisa:** *Os sentidos subjetivos que atletas de alto-rendimento geram para a dor.*

**Pesquisadora:** Anderson Pacheco da Silva

**Orientador:** Dr. Fernando Luis González Rey

Senhor (a) \_\_\_\_\_

Estou realizando uma pesquisa para conclusão do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brasília UniCEUB e gostaria de convidar o adolescente \_\_\_\_\_ para participar da minha pesquisa.

O objetivo desse trabalho é conversarmos sobre as experiências que ele está vivendo e analisar como outros adolescentes na mesma situação encaram as dores decorrentes dos processos de treinamento e competições. Nessas reuniões utilizarei um gravador (com a autorização do adolescente), para não perder nenhuma informação.

Pelo tipo de pesquisa, informo que não haverá procedimentos que causem desconforto ou riscos ao adolescente. Será um momento para seu filho conversar, sobre os treinamentos, competições, lesões e dores causadas por todo esse processo. O orientador desse estudo é o Dr. Fernando Luis González Rey, psicólogo e professor titular de Graduação de Psicologia no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Informo que a participação do adolescente será totalmente voluntária e que ele não será obrigado a fornecer informações que não queira, podendo desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Após essa pesquisa todas as informações que possam identificar o adolescente serão omitidas.

Para que eu possa realizar esse trabalho, preciso que o senhor autorize a participação de seu filho nessa pesquisa. Caso hajam dúvidas, estou à disposição do senhor pelos telefones: (61) 3034-1973; (61) 8137-7189; email: [andersonps3@gmail.com](mailto:andersonps3@gmail.com) . Em caso de reclamações o senhor deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: 3340 1363.

## DESDE JÁ AGRADEÇO A COLABORAÇÃO

Atenciosamente,

ANDERSON PACHECO DA SILVA

Pesquisador Responsável.

Após ter tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos desta pesquisa:

Eu, \_\_\_\_\_,

idade \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

endereço \_\_\_\_\_, autorizo

o adolescente \_\_\_\_\_,

RG \_\_\_\_\_, endereço \_\_\_\_\_,

a participar do estudo realizado por ANDERSON PACHECO DA SILVA. Estou ciente que a participação do adolescente será totalmente voluntária e que poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ao paciente. Eu recebi uma cópia deste termo e a possibilidade de poder lê-lo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pai ou responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Anderson Pacheco da Silva

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

## CARTA CONVITE PARA OS ADOLESCENTES

Ao jovem \_\_\_\_\_

Gostaria de convidá-lo para participar de um trabalho que estou desenvolvendo no curso de graduação em psicologia do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Nessa oportunidade conversaremos sobre sua vida, suas expectativas seus sentimentos, sua rotina de treinamento, de competições e de outros temas de seu interesse. Você não será obrigado a falar o que não queira, e em qualquer fase desse trabalho você poderá desistir de participar sem acarretar nenhum problema para você. Em algumas circunstâncias provavelmente usarei o gravador para não perder nenhuma informação.

Caso hajam dúvidas, estou à disposição do senhor pelos telefones: (61) 3034-1973; (61) 8137-7189; email: [andersonps3@gmail.com](mailto:andersonps3@gmail.com) . Em caso de reclamações o senhor deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: 3340 1363

DESDE JÁ AGRADEÇO SUA IMPORTANTE COLABORAÇÃO

Atenciosamente,  
Anderson Pacheco da Silva

Após conversar com o pesquisador Anderson Pacheco da Silva, e ter lido esse documento, eu \_\_\_\_\_, aceito participar voluntariamente desse trabalho para conversarmos sobre minhas experiências de treinamento e competições. Sei que posso desistir de participar a qualquer momento dessa pesquisa e que não terei nenhum prejuízo caso isso ocorra. Eu recebi uma cópia desse termo para poder lê-lo em outra oportunidade, e meus pais estão cientes e autorizaram por escrito a minha participação nessa pesquisa de graduação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

RG: \_\_\_\_\_

Nasc.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Anderson Pacheco da Silva

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ em 2009.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao jovem \_\_\_\_\_

Estou realizando uma pesquisa para conclusão do curso de Graduação em Psicologia no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e gostaria de convidar você para participar da minha pesquisa, que será desenvolvida em reuniões individuais em um local escolhido por você e seu responsável.

Essa pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, e o orientador desse estudo é o Dr. Fernando Luis González Rey, psicólogo e professor titular de Graduação de Psicologia no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Nessa pesquisa conversaremos em particular como está a sua vida hoje, seus planos, seus sentimentos, sua rotina de treinamento, de competições e de outros temas de seu interesse. Você não será obrigado a falar o que não queira, e em qualquer fase desse trabalho você poderá desistir de participar sem que aconteça problemas para você. Se você concordar, usarei um gravador para não perder nenhuma informação do que conversarmos, e depois da pesquisa destruirei todos os arquivos gravados.

Pelo tipo de pesquisa, informo que não haverá procedimentos que causem desconforto ou riscos. Será um momento para você conversar, pois sabemos que durante essa fase são muitas dificuldades e transformações a serem enfrentadas.

Caso você tenha alguma dúvida sobre meu trabalho, você pode entrar em contato comigo pelos telefones: (61) 3034-1973; celular (61) 8137-7189; e-mail: [andersonps3@gmail.com](mailto:andersonps3@gmail.com). Em caso de reclamações o senhor deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: 3340 1363

**DESDE JÁ AGRADEÇO SUA IMPORTANTE COLABORAÇÃO!**

Após conversar com o pesquisador Anderson Pacheco da Silva, e ter lido esse documento, eu \_\_\_\_\_, aceito participar voluntariamente desse trabalho para conversarmos sobre minhas experiências de treinamento e competições. Sei que posso desistir de participar a qualquer momento dessa pesquisa e que não terei nenhum prejuízo caso isso ocorra. Eu recebi uma cópia desse termo para poder lê-lo em outra oportunidade, e meus pais estão cientes e autorizaram por escrito a minha participação nessa pesquisa de graduação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

<p style="text-align: center;">_____ Assinatura do jovem</p> <p>RG: _____</p> <p>Nasc.: _____</p>	<p style="text-align: center;">_____ Assinatura da Pesquisadora Responsável Anderson Pacheco da Silva</p>
<p>Brasília, ____ de _____ em 2009.</p>	